AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
ISSN - 1413-8638 E-ISSN - 2238-5533

Edição Especial para o X Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental - EDEA
Vol. 23, n. 2, 2018.

DIVERSIDADE CULTURAL DO VALE DO RIBEIRA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE JACUPIRANGA/SP

Marcia Cristina Bacic[1]; Emerson Pessoa Vidal[2]

RESUMO

Nesse estudo investigamos os conhecimentos prévios que alunos do ensino médio de uma escola pública do Vale do Ribeira tinham a respeito das comunidades tradicionais da região, a saber: indígena, quilombola, caiçara e campesina. Para isso os alunos responderam um questionário no qual deveriam dizer quais comunidades tradicionais eles conheciam, e o que sabiam sobre as comunidades tradicionais alvo desse estudo. A análise foi qualitativa. Nossos dados nos mostraram que os alunos ainda conhecem pouco de cada cultura especificamente, mas reconhecem a participação de todas na formação de uma cultura geral do Vale do Ribeira. Nossos resultados serão utilizados como base para a construção de sequências didáticas que explorem os conhecimentos dessas culturas, que serão aplicadas em escolas da região.

Palavras-chave: Conhecimentos prévios; Comunidades tradicionais; Ensino médio.

CULTURAL DIVERSITY OF THE RIBEIRA VALLEY: PERCEPTIONS OF STUDENTS OF THE FIRST YEAR OF MIDDLE SCHOOL OF A PUBLIC SCHOOL OF JACUPIRANGA/ SP

ABSTRACT

In this study we investigated the previous knowledge that high school students of a public school in the Ribeira Valley had about the traditional communities of the region, namely: indigenous, quilombola, caiçara and peasant communities. For this, the students answered a questionnaire in which they should tell which traditional communities they knew, and what they knew about the traditional communities that were the target of this study. The analysis was qualitative. Our data showed us that the students still know little about each culture specifically but recognize the participation of all in the formation of a general culture of the Ribeira Valley. Our results will be used as a basis for the construction of didactic sequences that explore the knowledge of these cultures, which will be applied in schools in the region.

1 Mestre em Ensino de Biologia. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: mcbacic@gmail.com.
2 Graduando em Biologia. UnB. E-mail: emervidal1@hotmail.com.

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 23, n.2, p.438-451, 2018

Keywords: Previous knowledge; Traditional communities; High school.

As comunidades tradicionais e a biodiversidade do Vale do Ribeira

O Vale do Ribeira é uma região, que inclui áreas do estado de São Paulo e do Paraná, e faz parte da bacia hidrográfica do rio Ribeira de Iguape. Devido às suas características geográficas, foi historicamente explorada para a agricultura e mineração, e virou refúgio de negros fugitivos durante o período de escravidão, sendo berço de comunidades quilombolas. Algumas comunidades indígenas ocupam desde antes da colonização portuguesa essa região. Segundo Diegues (2007, p.16) na região que inclui o Vale do Ribeira e do Litoral Sul podem ser encontradas as seguintes comunidades tradicionais: “os caiçaras, na faixa litorânea, quilombolas, espalhados em toda a região, principalmente no Médio Ribeira, os caipiras existentes no Médio e Alto Ribeira , e migrantes norte-americanos, alemães, austríacos e japoneses”.

Essa região abriga um grande remanescente da Mata Atlântica, além de grande patrimônio espeleológico (Diegues, 2007). As atividades de lazer dos habitantes muitas vezes são associadas ao desfrutar dos abundantes recursos naturais.

Em experiências nas escolas do Vale do Ribeira notamos a necessidade de um estudo sobre a biodiversidade da região com o fim de gerar uma sensação de pertencimento nos alunos, o que tornaria mais provável o empenho na preservação do ecossistema ameaçado. Silva Pimentel e Ribeiro (2016, p. 228) apresentam como se dá a percepção do território que, a nosso ver, está associada a essa sensação de pertencimento de que falamos anteriormente: “ A percepção do território se faz numa perspectiva integrada, considerando a dimensão social, política, econômica e cultural, nas quais identidades e valores simbólicos e afetivos constituem seu território”.

Acreditamos que os alunos da educação básica de áreas adjacentes àquelas de proteção ambiental precisam conhecer aspectos da história e da cultura dos povos que ali habitam e se enxergar através dessas memórias, entender a síntese que são de outras culturas que convivem e se entrelaçam, para que possam de dedicar à luta pela preservação do meio ambiente e, com ele, das comunidades tradicionais.

Nesse artigo apresentamos a investigação de como os alunos do ensino médio de uma escola pública estadual de Jacupiranga/SP veem as comunidades tradicionais da região. Chamamos assim os agrupamentos de pessoas que compartilham ideais e uma cultura associada ao meio ambiente circundante. Destacamos em nosso estudo as comunidades caiçaras (de pescadores), campesinas (residentes na zona rural), quilombolas (remanescentes de quilombos) e indígenas.

Arruda (1999, p. 86), discorrendo sobre as comunidades tradicionais, destaca que são:

> [...] comunidades humanas de grande diversidade sociocultural, que desenvolveram estilos de vida relacionados a ambientes naturais específicos, com suas visões de mundo particulares, conhecimento extenso e minucioso dos processos naturais e que estabelecem relações com o mundo natural distintas das que prevalecem nas sociedades urbano-sociais.

Em geral pessoas dessas comunidades frequentam escolas na zona urbana para poder ter acesso ao ensino médio. Algumas comunidades quilombolas e indígenas têm escolas específicas para sua população que fazem parte da rede oficial estadual de ensino. Há, em Eldorado, uma escola técnica estadual em área quilombola que conta com o curso de Agroecologia.

Loureiro (2004) destaca a importância de se trazer a realidade socioambiental para a sala de aula e discuti-la, promovendo reflexões e ações com vistas à transformação social.

Conhecer a cultura das comunidades tradicionais significa conhecer mais da biodiversidade da região de uma forma geral. Os modos de ser, fazer e estar nesse ambiente estão em estreita relação com as características intrínsecas a ele.

As comunidades tradicionais da região foram ameaçadas pela criação das áreas de proteção ambiental que não permitiam agrupamentos humanos. Muitas tiveram que deixar seu território. Segundo Zanchetta e Bedeschi (2008), a criação do Parque de Jacupiranga (uma das áreas de proteção do Vale do Ribeira) teve como consequência a impossibilidade das comunidades tradicionais continuarem com suas atividades ligadas à exploração sustentável do meio ambiente e vários conflitos fundiários se instalaram. Com a criação do Mosaico de Jacupiranga, que assumiu e incorporou às áreas de proteção as

comunidades tradicionais (BIM, 2012), acredita-se que a situação tende a se tornar menos conflituosa.

O objetivo central de nosso estudo é o de conhecer quais as percepções que os alunos do ensino médio têm a respeito das comunidades tradicionais do Vale do Ribeira, com o fim de subsidiar a criação de sequências didáticas que abordem a temática.

Caminhos metodológicos

Nosso estudo tem natureza qualitativa (Bogdan e Bicklen, 1994). A metodologia de tomada de dados foi através de um questionário com questões abertas e fechadas. As questões fechadas interpelavam se havia comunidades tradicionais no Vale do Ribeira e quais eram elas. As questões abertas abordavam as comunidades quilombolas, indígenas, caiçaras e campesinas, perguntando o que os alunos sabiam a respeito dessas comunidades. Os dados foram tabulados em uma planilha de Excel. Procedemos uma análise de conteúdo (Bardin, 2011) primeiro com uma leitura flutuante (a fim de apreender os sentidos gerais do todo), depois utilizamos a técnica de nuvem de palavras do *WordCloud.com* para evidenciar os termos mais frequentemente associados a cada comunidade pelos alunos. Com o mecanismo de pesquisa em *pdf*. do programa *Nitro Pro 10* pesquisamos a frequência de aparecimento das palavras ou expressões de maior destaque.

Como as comunidades tradicionais do Vale do Ribeira são vistas?

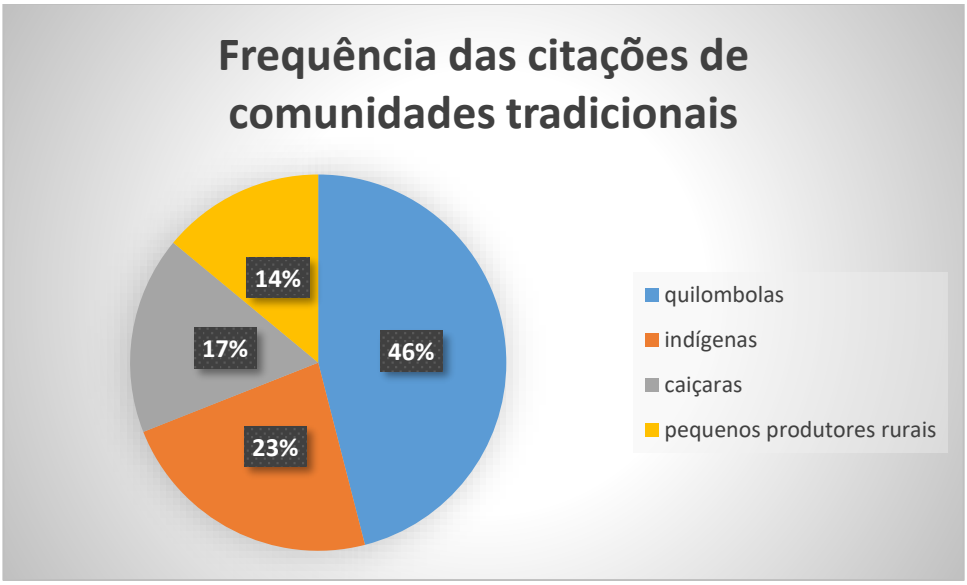
Os alunos do ensino médio de uma escola pública de Jacupiranga/SP, cidade do Vale do Ribeira responderam a um questionário e as respostas são apresentadas e comentadas a seguir. Perguntamos se existiam comunidades tradicionais no Vale do Ribeira e 84% dos respondentes afirmaram que sim, 12% disseram não conhecer e 4% não responderam a essa questão. A maioria reconheceu a presença de comunidades tradicionais.

Quando questionados sobre quais comunidades tradicionais do Vale eles conheciam, as frequências das citações de cada comunidade foram: 46% quilombolas, 23% indígenas, 17% caiçaras e 14% campesinos (pequenos produtores rurais). Na figura 1 é possível perceber a predominância dos

A AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 23, n.2, p.438-451, 2018

quilombolas como comunidade tradicional mais citada. Acreditamos que a alta frequência de citação dos quilombolas se deve ao fato dos alunos já terem ido em excursão escolar no ensino fundamental visitar um quilombo, houve menções a essa excursão nas conversas durante a atividade de resposta ao questionário, mas ela não foi relatada nas respostas escritas.

Figura 1: Frequência de citações das comunidades tradicionais pelos alunos do ensino médio



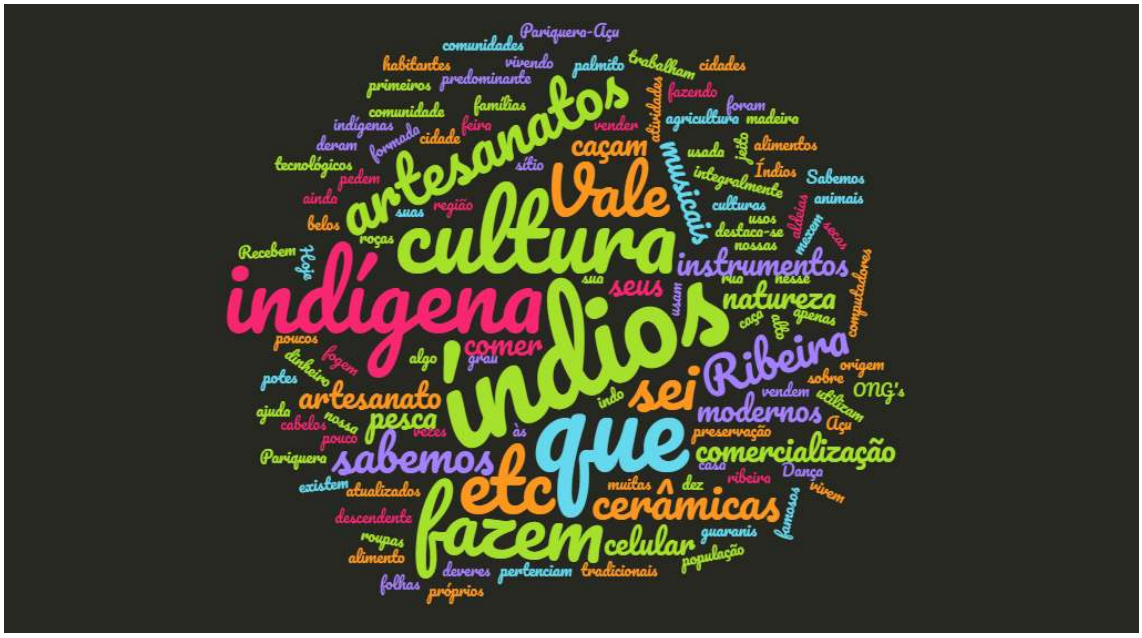
Fonte: Autoria própria

Comunidades indígenas:

Em relação à população indígena do Vale do Ribeira, as respostas dadas pelos alunos remetem principalmente às atividades de caça, produção e venda de artesanatos. As palavras mais frequentes nas respostas estão apresentadas na forma de nuvem de palavras na figura 2. É possível perceber a prevalência de palavras com artesanatos, indígenas, comercialização e suas variações (artesanato, índio ...), isso demonstra que a imagem que os alunos têm dos índios está bastante associada à comercialização de produtos artesanais.

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 23, n.2, p.438-451, 2018

Figura 2: Nuvem de palavras mostrando as mais citadas nas respostas dos alunos sobre as comunidades indígenas



Fonte: Autoria própria usando WordCloud.com

Em 53% das respostas houve referência à existência de uma cultura própria: “[...] fazem artesanatos e mexem com *cerâmicas*”; “não usam roupas, que *caçam* o que comer e têm belos cabelos”, 31% falaram sobre a produção e comercialização de cerâmicas, 24% citaram artesanatos em geral: “Eles fazem potes com folhas secas, animais de madeira”; “[...] fazem artesanato para vender e também vendem palmito”, 26% associaram os indígenas à prática da caça e 10% à pesca: “As atividades tradicionais são a pesca, a caça e a agricultura”, A cidade de Pariquera-Açu foi citada por 10% dos respondentes como um local no qual as populações indígenas vivem: “Sei que em *Pariquera Açu* tem uns índios”; “ [...] ainda existem indígenas aqui em *Pariquera- Açu*”. A associação dos indígenas com a preservação ambiental ocorreu em apenas 15% das respostas “[...] destaca-se pelo alto grau de preservação”.

Nas respostas dos alunos evidencia-se o trabalho dos grupos indígenas (pesca, caça, produção e venda de artesanatos), mas também é apresentada a situação de miséria que alguns deles vivem: “Não sabemos muito, apenas sabemos que os índios pedem dinheiro na feira”.

Em uma outra resposta percebemos que os alunos reconhecem as dificuldades enfrentadas pelos indígenas e sabem de algumas ações de organizações e pessoas que ajudam essa comunidade tradicional: “recebem

ajuda ONG's e de pessoas da cidade". E ainda há o reconhecimento da importância histórica "[...] foram os primeiros habitantes nesse Vale, e eles deram origem às nossas culturas"; "[...] a maioria da nossa população é descendente de índios".

Há também o relato de que existe na região indígenas que incorporaram a cultura urbana em suas práticas: "Os índios do Vale do Ribeira são mais atualizados do que antes, e tem índios que fogem da sua cultura, indo para a cidade e etc."; "[...] têm celular, casa, os famosos índios modernos".

Comunidades quilombolas

As comunidades quilombolas foram formadas pelos descendentes de negros que fugiram da escravidão, e são, historicamente, espaços de resistência contra o sistema hegemônico.

Quando questionados sobre o que sabiam a respeito das comunidades quilombolas, 48% dos respondentes associaram-nas aos escravos e 5% aos fugitivos "A cultura quilombola eram *escravos fugitivos* e criaram essa *comunidade*"; a palavra comunidade apareceu em 36% das respostas, houve referência à cultura em 20% das respostas: "Uma *cultura* formada por escravos fugitivos" e o artesanato apareceu em 12%.

Em relação às atividades econômicas e de subsistência, foram citados vários produtos agrícolas (milho, mandioca, banana, laranja, cana-de-açúcar, palmito, frutas, arroz e feijão), o trabalho no garimpo e a venda de produtos caseiros. As informações históricas, como a participação dos quilombolas nos garimpos, se unem aqui com as informações sobre o modo de vida atual dos quilombolas.

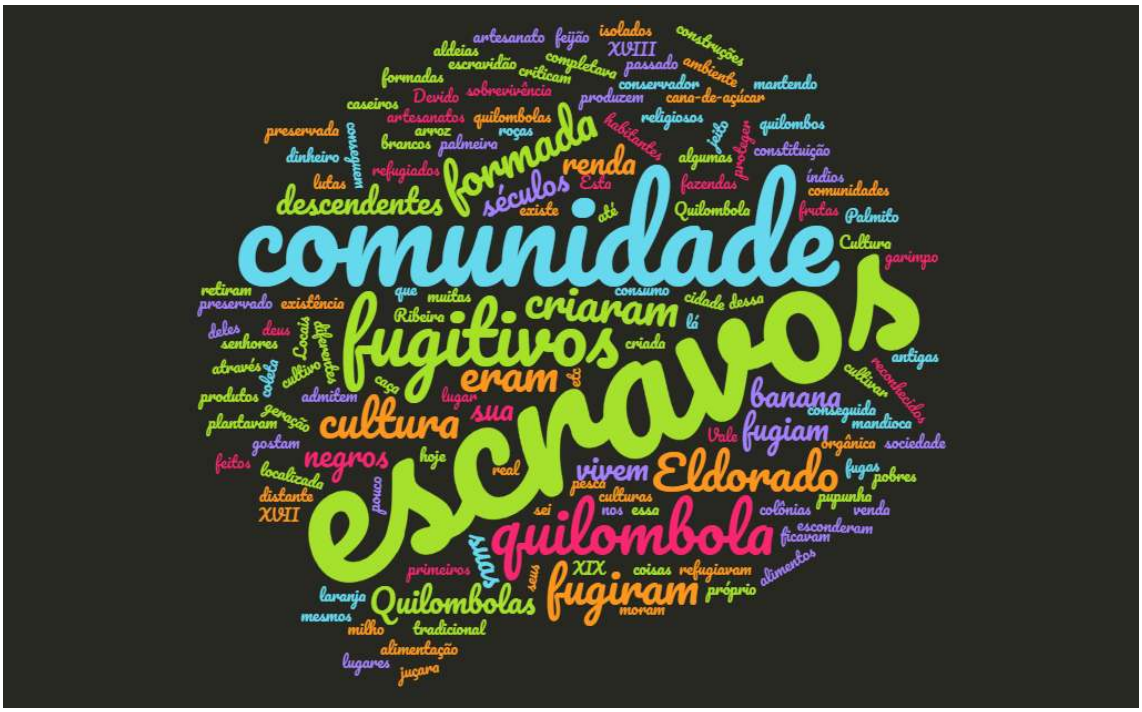
Na figura 3 apresentamos uma nuvem de palavras feita a partir da frequência em que apareciam nas respostas dos alunos sobre os quilombolas. As palavras mais frequentes foram: comunidade, escravos, fugitivos, quilombola e Eldorado. A partir disso é possível ver que a percepção dos alunos a respeito dos quilombolas os associa a uma comunidade de escravos fugitivos que vivem em Eldorado.

Algo que destacamos é que a frequência da palavra comunidade deve-se ao fato dos próprios quilombolas referirem-se aos seus agrupamentos dessa

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 23, n.2, p.438-451, 2018

forma. Comunidade, nesse sentido, traz consigo o espírito da integração e da resistência.

Figura 3: Nuvem de palavras mostrando as mais citadas nas respostas dos alunos sobre as comunidades quilombolas



Fonte: Autoria própria usando WordCloud.com

A riqueza de informações sobre a cultura quilombola foi maior do que das outras comunidades tradicionais. Provavelmente, a excursão que alguns deles participaram no ensino fundamental foi decisiva na formação dessas impressões.

A associação entre a preservação ambiental e a cultura quilombola aparece nas respostas dos alunos: “A comunidade é preservada, mantendo as construções antigas, eles retiram a renda deles mesmos com a venda de produtos caseiros”; “[...] moram em um ambiente preservado e que conseguem seu dinheiro através do artesanato”.

Foi relatado pelos alunos, nas respostas escritas e também em comentários que a cultura quilombola é muito fechada: “Não admitem pessoas diferentes em sua comunidade”; “A cultura quilombola é um pouco distante“. Talvez essa resistência tenha relação com as diversas lutas das comunidades desde sua formação e ao preconceito racial ainda forte em nossa sociedade,

segundo os alunos: “Devido a um passado de escravidão, lutas, fugas e constituição de quilombos”.

É demonstrada nas respostas dos alunos a resistência da população não quilombola em relação aos integrantes da comunidade quilombola: “Eles não são muito reconhecidos na sociedade; “A cultura quilombola é um pouco distante, criticam seu deus, cada quilombola tem um jeito de fazer suas coisas”. É possível perceber nas respostas uma certa tensão a respeito da religião dos quilombolas.

A estigmatização da comunidade aparece em uma resposta: “Quilombolas eram escravos, negros, pobres”. Interessante que foi usado o tempo passado (eram), mas não há uma fala complementar dizendo que algo mudou.

Comunidades caiçaras (pescadores)

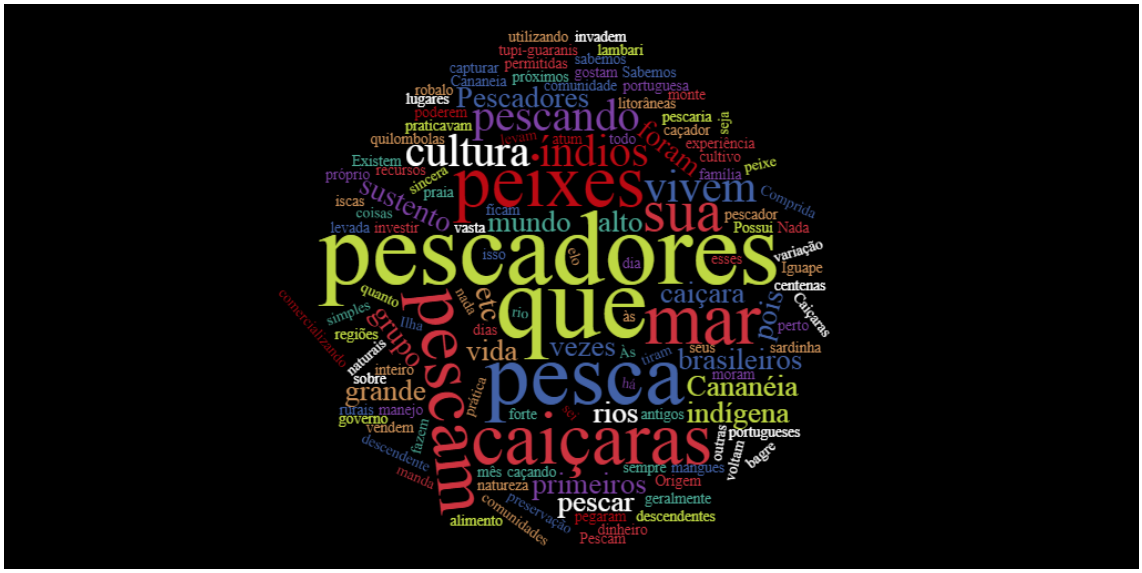
A região do Vale do Ribeira e Litoral Sul é rica em águas oceânicas e interiores (dos rios e lagos). Sendo assim, a atividade da pesca é comum a muitas comunidades tradicionais e ainda é praticada por pessoas da cidade, as quais geralmente praticam a pesca esportiva e/ou em pesqueiros. Segundo resposta dos alunos: “Existem centenas de pescadores, pois aqui tem muitos rios. Eles pescam muito peixe grande, pois aqui há uma grande variação de peixes e lugares para pescar”. Nesse item de nosso trabalho focamos nas comunidades nas quais a pesca se constitui como principal atividade econômica e que têm uma cultura construída em torno da pesca.

Pouco se falou sobre a cultura das comunidades caiçaras, sendo focado apenas nas técnicas de pesca artesanais (de maneira genérica): “São pessoas que invadem os rios utilizando iscas simples para capturar peixes”. As respostas se distribuíram entre a pesca em rios e próximo à praia, e a pesca em alto mar: “São pescadores que pescam em alto mar”; “Pescam para usar como próprio alimento, os peixes como esses: lambari, robalo, bagre e etc”(espécies de água doce a marinhas); “Os pescadores e caiçaras vivem da pesca e dos mangues próximos a praia”. Destacamos que, pela necessidade de equipamentos e tecnologia caros, a pesca em alto mar seja menos praticada pelas comunidades, quando os membros da comunidade participam

acaba sendo como empregados de grandes empresas e não são utilizadas as práticas de pesca artesanal. Foi relatado nas respostas que esses pescadores passam muito tempo no mar e voltam com muitos peixes: “Eles vivem no mar pescando e voltam com um monte de peixes (atum, sardinha, etc.)”.

Na nuvem de palavras (Figura 4) gerada a partir das respostas dos alunos podemos perceber a pequena diversidade de palavras o que remete ao desconhecimento que os alunos têm em relação a essa comunidade tradicional, e também o quanto a cultura caiçara está mesclada com elementos indígenas, quilombolas e portugueses: “São *índios caiçaras* que praticavam a pescaria”.

Figura 4: Nuvem de palavras mostrando as mais citadas nas respostas dos alunos sobre as comunidades caiçaras



Fonte: Autoria própria usando WordCloud.com

As palavras mais frequentes são as derivadas de pesca (pescadores, pescam, pescar) e mar. Isso demonstra que o que os alunos mais sabem dessa cultura é que eles pescam, mas não demonstram um conhecimento maior das tradições dessa comunidade.

Como a cidade na qual efetuamos esse trabalho dista em cerca de 60 km da praia, verificamos que os alunos têm poucas referências sobre a cultura caiçara.

Os caiçaras foram associados nas respostas aos indígenas tupi-guaranis: “A cultura caiçara é descendente de índios tupi-guaranis e portugueses”; aos quilombolas e às pessoas dos sítios: “Pescadores que

pescam, ou seja rurais". Os modos de ser e fazer dos caiçaras trazem fortes influências dos indígenas e da comunidade quilombola, segundo as respostas dos alunos.

Assim como no caso dos indígenas, que recebem ajuda de ONGs e pessoas da cidade (segundo respostas dos alunos), foi atribuído um auxílio aos caiçaras também: "[...] o governo manda dinheiro para eles todo mês para eles poderem investir sempre na pesca".

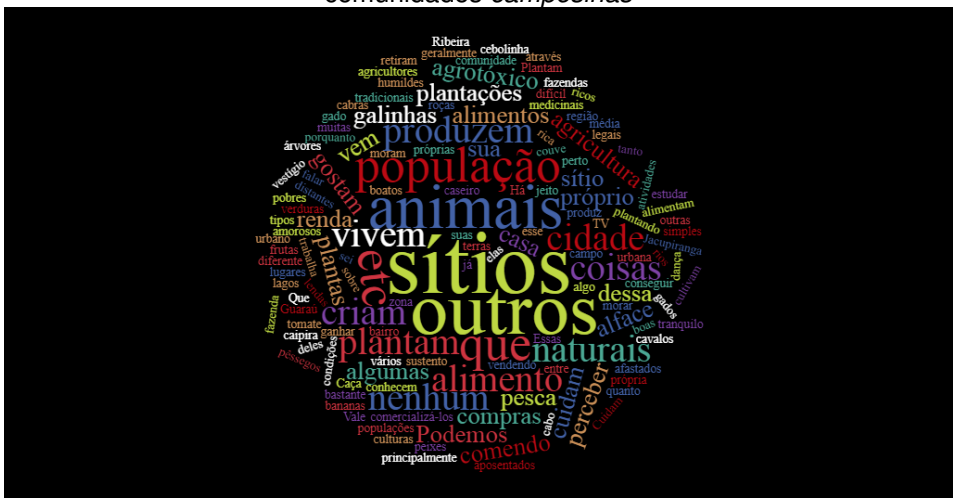
A questão da pesca ilegal também foi apresentada nas respostas: "[...] invadem os rios utilizando iscas simples para capturar peixes"; "[...] eles pescam, às vezes não são permitidas as suas pescas e vendem o que têm (o que pegaram)".

Comunidades campesinas (pequenos produtores rurais):

As comunidades de pequenos produtores rurais (campesinas) são retratadas nas respostas dos alunos como aquelas que cultivam alimentos e criam animais para o seu sustento e de sua família.

Na nuvem de palavras abaixo (Figura 5) podemos ver as palavras mais citadas pelos alunos quando o tema foi as comunidades tradicionais campesinas. São frequentes sítios, alimento, plantam, produzem e animais. Sendo assim, consideramos que os alunos veem os campesinos como moradores de sítios (pequenas propriedades rurais), que plantam e criam animais para a subsistência e produtos para a comercialização.

Figura 5: Nuvem de palavras mostrando as mais citadas nas respostas dos alunos sobre as comunidades *campesinas*



Fonte: Autoria própria usando WordCloud.com

Os alunos relatam que apesar dos poucos recursos econômicos, as comunidades rurais vivem bem, pois têm o alimento que plantam: “Podemos perceber que eles vivem muito bem, comendo coisas naturais, sem nenhum agrotóxico”.

Em geral esses agricultores vão à cidade para vender sua pequena produção ou para fazer compras nos mercados e lojas de produtos agrícolas. Sua produção é, geralmente, orgânica. Eles vendem desde produtos primários como já processados na forma de bolos, tortas, etc., o que agrega maior valor aos itens comercializados. Os alunos relatam, também, que essas comunidades precisam vir à cidade para estudar.

A escola em que realizamos esse estudo é a única de ensino médio da cidade, então os habitantes dos sítios também a frequentam a fim de seguir seus estudos.

Foram citados como produtos agrícolas dos pequenos produtores: tomate, alface, couve, frutas, pêssego, banana, cebolinha; como criações de animais temos: galinhas, patos, cavalos, peixes, cabra, gado.

É referido também o conhecimento das propriedades medicinais de algumas plantas: “[...] conhecem mais plantas medicinais do que as pessoas da zona urbana”.

Algo destacado nas respostas dos alunos é a de que essas comunidades produzem alimentos sem uso de agrotóxicos.

Outros aspectos culturais apontados foram: “[...] culturas como danças e roças”; “[...] vários boatos e lendas”; “alguns têm jeito de falar diferente (caipira)”.

Foi possível perceber nas respostas uma idealização da vida no campo: “Podemos perceber vivem muito bem, comendo coisas naturais, sem nenhum agrotóxico, plantam árvores de frutas, criam animais, produzem seu próprio alimento”; “Eles *vivem muito bem*, a maioria *tem casa própria* com alimentos naturais, com TV a cabo”; “São lugares sem nenhum vestígio urbano, como é *tranquilo*”; “Que a população dos sítios, elas são *muito humildes, boas pessoas e são muito amorosos* uns com os outros”; “[...] retiram renda através de seu sítio, a *maioria aposentados*”. Parafraseando as colocações dos alunos, vemos que consideram que as pessoas dos sítios vivem muito bem, têm casa própria,

e apesar de humildes, são pessoas boas e amorosas. Os conflitos que se estabelecem no campo e as condições precárias em que alguns vivem só aparecem de forma romantizada: são humildes, mas são felizes.

Considerações finais

Através desse estudo conseguimos mapear os conhecimentos que os alunos do primeiro ano do ensino médio têm sobre as comunidades tradicionais do Vale do Ribeira. O conhecimento das culturas específicas dessas comunidades é pouco e merece ser objeto de ensino em sequências didáticas planejadas para esse fim.

A comunidade indígena foi relatada como formada por pessoas carentes economicamente e que vivem da venda de seus produtos artesanais. Pareceu haver algum repúdio ao "índio moderno", que quer ter os privilégios das pessoas da cidade. Mesmo com a menção aos índios modernos, a caça, a pesca e a agricultura foram colocadas como as principais atividades indígenas. Os alunos reconheceram em suas respostas que a influência da cultura indígena nos costumes da população do Vale do Ribeira é muito expressiva.

Quanto à comunidade quilombola foi demonstrado um pouco de preconceito nas respostas, principalmente em relação à religião. O trabalho nas roças e a produção de orgânicos foram salientados.

Os alunos mostraram que as culturas tradicionais se relacionam entre si, incorporando elementos, como por exemplo as técnicas indígenas e quilombolas aproveitadas pelos caiçaras e populações do campo para a pesca e a agricultura.

Percebemos, nesse trabalho, as interações entre as culturas tradicionais do Vale do Ribeira e a cultura urbana. E que elas têm em comum uma relação de respeito com a natureza. A cultura urbana do Vale do Ribeira, além de sofrer a grande influência da cultura hegemônica, também traz em si práticas tradicionais indígenas, quilombolas, campesinas e caiçaras, que formam uma síntese que se configura no habitante do Vale do Ribeira. Sendo os alunos dessa região formados por essas múltiplas influências, é muito importante estuda-las formalmente para promover a sensação de territorialidade e de pertencimento em relação ao Vale do Ribeira. Esse pertencimento é essencial

para que as pessoas consigam se envolver nas questões relacionadas à preservação desse ambiente biológico, político e sociocultural.

Referências

ARRUDA, R. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **Ambiente & Sociedade**, Ano II, n.5, 2ºsemestre, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 279 p.

BIM, Ocimar José Batista. **Mosaico do Jacupiranga - Vale do Ribeira, São Paulo**: conservação, conflitos e soluções socioambientais. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto editora, 1994.

DIEGUES, A.C. O Vale do Ribeira e o litoral de São Paulo: meio ambiente, história e população. CENPEC, março, p.1-41, 2007

LOUREIRO, C.F.B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**, São Paulo: Cortez, 2004. 150 p.

SILVA PIMENTEL, M.A.; RIBEIRO, W.C. Populações tradicionais e conflitos em áreas protegidas. **Geousp – Espaço e Tempo** (online), v.20, n.2, p.224-237, maio/agosto, 2016.

ZANCHETTA, I.; BEDESCHI, L. **Mosaico do Jacupiranga, no Vale do Ribeira, agora é lei**. Instituto Socioambiental (site), 2008. Disponível em: http://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2614, acesso em 19/08/2018.